

## **ENTRE AS FRONTEIRAS DO PODER, DO COTIDIANO E DA NARRATIVA: a experiência da realocação da ‘Nova’ Itueta**

Patrícia Falco Genovez<sup>1</sup>  
(Univale)  
Vagner Bravos Valadares<sup>2</sup>  
(Univale/FIC)  
Thiago Martins Santos<sup>3</sup>  
(Univale/Unipac)

**Resumo:** Itueta, cidade localizada no Vale do Rio Doce, emancipou-se de Resplendor em 1948. O antigo povoado surgiu em torno de uma Estação da Estrada de Ferro Vitória-Minas e à margem do rio. Após a I Guerra Mundial, levas de imigrantes alemães e italianos vindos do Espírito Santo fixaram-se. Outros desbravadores oriundos, principalmente, da Zona da Mata mineira, chegaram nos anos de 1920. Em fins da década de 1990, iniciaram-se os primeiros contatos para a realocação da cidade em função da construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés (Consórcio Vale-CEMIG), processo finalizado em 2005. Neste cenário, buscamos compreender, por meio da narrativa, as redes de poder que configuraram um cotidiano permeado pelo processo de realocação da ‘nova’ Itueta.

**Palavras-Chave:** Narrativa, Poder e Realocação

**Abstract:** After 90 years Itueta is still a little city on the border of the Rio Doce deep in the Brazilian countryside. The original settlement was build up around a station of Vitória-Minas railroad that runs alongside the river at this point. The first German and Italian migrants arrived in early after I World War and some Brazilian others some years later. The city’s life was without jolt until the 1990’ when a dam was planned in its neighborhood. The waters actually didn’t reach the downtown, but all was done as so and ended fifteen years later with the uprooting of the city. This essay has this background ‘scenario’ and deals with narrative, social power nets mainly as research tools. All this shows up the day-by-day actions of the people.

**Key words:** Narrative, Power, People uprooting

O ser humano enquanto ser humano não surge do nada;(…). Encontra-se numa imensidão de onde deverá descobrir ou instituir limites, localizar astros e estradas e nisto tudo, construir instrumentos de medidas e de relações. Quando imerso não se localiza e nem se relaciona porque só é perdido; na pura imensidão não se delimita e nem estabelece seus tempos e lugares. No fundo, a grande tarefa e vocação do ser vivo e, a fortiori, do ser humano, será vincular-se e localizar-se. (....) Neste sentido, é com este instrumental que o ser humano, estando imerso no meio biofísico, social e cultural, não estará apenas num espaço que está aí e que pode ser até constatado, mas estará imerso num campo de relações e num mundo fantasmático cujo acesso é sempre mediado e revestido de sensações, sentimentos, lembranças, aprendizagens, conhecimentos, ritos e principalmente de fantasias.

CAZAROTTO, J. L. *Psicologia e antropologia: a construção do ser humano*. São Paulo: Idéias e Letras, (no prelo).

## INTRODUÇÃO

Como fruto de um estudo de campo<sup>4</sup>, pretendemos compreender as relações de poder que permearam o cotidiano e impregnaram as narrativas sobre o processo de realocação da cidade de Itueta, Minas Gerais. Em meio à construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés pelo consórcio das empresas Vale e Cemig a antiga cidade de Itueta teve parte do seu território submerso pelas águas do Rio Doce e outra parte cedida para a linha férrea da Vale, área onde antes viviam pessoas simples e que ganhavam a vida como pescadores, pequenos agricultores, comerciantes e extrativistas.

O processo iniciado ainda na década de 1990 foi finalizado em 2005 e teve seu projeto aprovado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) no qual estavam previstas várias condicionantes para remediar os impactos causados pelo empreendimento hidrelétrico àquela população. Entre as condicionantes, estavam a construção da nova sede de Itueta, com as suas casas, ruas, igrejas, casas comerciais, praças e jardins e indenização dos moradores, de modo a que pudessem retomar as suas vidas.

Nesse sentido, estaremos trabalhando com alguns autores centrais que nos servirão de bússola, muito embora não haja um uso rígido de seus conceitos. Dentre esses autores destacamos Norbert Elias, Paul Claval, Robert Sack, Rogério Haesbaert e Michael de Certeau além de uma inspiração filo-weberiana que nos auxiliará a trabalhar numa perspectiva abrangente, buscando relacionar os atores às suas cadeias motivacionais numa sociedade de traço comunitário.<sup>5</sup> Dessa maneira, organizaremos o artigo em três partes: na primeira, a complexidade da temática e do objeto, o método e a necessidade de uma abordagem interdisciplinar; na segunda, as narrativas e a história de Itueta e, na terceira, as redes de poder que configuraram um cotidiano permeado pelo processo de desterritorialização e reterritorialização dos moradores na ‘nova’ Itueta.

## I

No roteiro do trabalho de campo, preparado previamente, constava um passeio de balsa pelo lago que gerou a inundação parcial da cidade de Itueta.<sup>6</sup> Após o retorno da

balsa nos encontramos com um informante que nos forneceu a narrativa que servirá de fio condutor. Houve comentários, por parte de alguns alunos, sobre o rápido crescimento das árvores que tomavam quase por completo a área da antiga cidade. A partir de um simples comentário, o nosso informante, então, iniciou sua narrativa sobre as árvores e sobre o processo como um todo.

Eles plantaram em cima dos entulhos. O Ibama exige que seja replantado e não houve a manutenção. Nós ainda identificamos algumas coisas por causa das árvores. Há uma reivindicação que eles podem reabrir as ruas, pelo menos uma passagem para os antigos lembrar. Claro que vai trazer muita tristeza, mas tem gente que gosta de lembrar aquele tempo. Nós que nascemos aqui e fomos criados aqui, a gente tem aquela imagem que não sai da cabeça da gente. A nossa história, dos mais antigos ficou interrompida, praticamente. Porque reiniciar em uma vida nova é muito difícil. Os novos se adaptam com facilidade num lugar diferente. Mas, pra nós... já éramos moradores radicados aqui há tantos anos, tanto faz sair daqui pra uma nova Itueta ou ir pra outro lugar qualquer. Pra nós era a mesma coisa. Pra nós não íamos nunca esquecer nossas raízes porque desde criança nós sabemos da história toda com detalhes. Inclusive, escrevi... porque lá a gente ficou, meio no início, com muita tristeza porque a única coisa que fazia agente pensar que estava em Itueta era a presença da população e as mesmas caras. Mas ruas, casas... não tinha nada a ver com a nossa Itueta, principalmente a Igreja que causou uma grande revolta na população.

Nós tínhamos aqui a reivindicação dos próprios evangélicos que não desmanchassem a igreja. Só pegaria um pedacinho da sacristia lá no fundo, o resto todo ia ficar intacta. Ela podia permanecer de pé, inclusive para turismo, eventos. Nós fizemos reivindicação na época pra eles deixarem o grupo escolar de pé que não ia atingir. Então ali podia ser feito uma espécie de lugar de convenção, um ambiente de convenção. A Igreja que era tido como histórica no estilo meio rococó, meio barroco... mas coisa muito antiga, era muito bonita. Os próprios evangélicos fizeram reivindicação pra não derrubar e ficar um marco. Mas o consórcio não aceitou nada e as autoridades da época aceitaram tudo que eles estavam propondo. Infelizmente nos estávamos sendo expulsos daqui. Ninguém queria sair daqui. Nós sabíamos que tínhamos que sair porque não era Itueta que iria impedir que uma hidrelétrica fosse construída, mas não havia necessidade de conduzir o empreendimento como foi. Se tivesse sido feito paulatinamente, com tranquilidade, dando condições pra todo mundo sair daqui com condição igual ao que a gente tinha aqui. Lá havia possibilidade de fazer a cidade com o mesmo traçado. Esse era um sonho dos antigos, mas infelizmente foi totalmente atropelado. O Plano Diretor da cidade que nós queríamos não foi ouvido. A Câmara de Vereadores na época não aceitou a opinião da população. Nós fizemos movimentos, diversos movimentos aqui, fomos a reuniões do Plano Diretor da nova cidade, fizemos pedidos a vereador e ainda nos pressionaram pra gente sair daqui da noite pro dia. E isso também não era o acordo feito. O acordo era que depois que todo mundo tivesse lá, então começaria a destruição. Não houve... simplesmente entraram

num acordo às portas fechadas, de tal maneira que a Prefeitura fechou as portas aqui de tarde, noutra dia abriu na nova cidade. Mudaram de noite, ai... então a população que ficou aqui, ficou sem aquela uma coisa de defesa. Quem podia nos dar um apoio grande pra ficar aqui e ir pra lá só depois que tivesse 100% organizado de acordo com aquilo que tinha feito nos termos do compromisso, né? Porque foi feito um termo de compromisso só que eles alteraram tudo aquilo que tava no termo e as autoridades foram aceitando. De repente saiu a cidade sem estrutura boa. A gente costuma dizer que foi PP que atrapalhou: o padre e o prefeito. Saiu o nosso escudo.... acabou! Quem era esse padre na época? [Ele] não aceitava opinião nossa. Eu mesmo até briguei com ele com a questão da Igreja por causa desses detalhes. Eu briguei com ele porque eu pedia a ele... eu era na época líder religioso... então eu falava com ele: padre, divide essa responsabilidade com a gente, chama a comunidade, vê o que a comunidade quer, pega a opinião da maioria e faça aquilo que a comunidade ta pedindo. Mas, não.... ele simplesmente quis. O padre era um líder religioso, né.... tava à frente.

A escolha desta narrativa se justifica não só pela forma como ela foi proferida – originou-se numa conversa informal – mas, por conter uma estrutura organizada, bem articulada e com uma sequência significativa de eventos.<sup>7</sup> Ela foi, posteriormente, transcrita a partir da filmagem autorizada de todo o trabalho e nos fornece um cenário rico e complexo que suscita, à primeira vista, uma questão de fundo: qual ciência ou área do conhecimento seria capaz de abarcar tal realidade isoladamente? Qual instrumental teórico daria conta de compreender a angústia e o trauma contido nesta narrativa? Porque tamanho incômodo? O que foi desconsiderado nesse processo de realocação que causou tal impacto? Quais personagens, estratégias e motivações podem ser aventadas como pistas para iniciarmos uma compreensão da rede de poderes que se estabeleceu e gerou tal resultado?

Há, na primeira questão levantada, uma discussão filosófica que envolve a epistemologia das ciências que não pretendemos aprofundar, mas apenas sugerir alguns pontos significativos. A princípio somos obrigados a reconhecer a multidimensionalidade do objeto e obviamente a necessidade de uma compreensão interdisciplinar dos vários aspectos que o mesmo possui. Não abordaremos a dimensão sentimental resultante de todo o processo, mas buscaremos focar nas relações de poder que gerou uma configuração traumática para a população realocada. Dentro desta perspectiva interdisciplinar estaremos considerando aspectos que tangenciam a História, a Antropologia, a Geografia, a Sociologia e a Linguística de forma mais aproximada o que não exclui inserções em outras áreas de conhecimento.

Dentro da perspectiva histórica, o trabalho de campo evocou, através da metodologia da História Oral, as memórias e as narrativas dos moradores. Estas narrativas apresentam um fio condutor muito próximo da narrativa expressa no início desta parte. Por isso, optamos por um recorte empírico, enfocando-a. Não descartamos os vários pontos dissonantes que as narrativas apresentam, mas, neste esforço de análise, tomaremos a princípio os pontos consonantes dos depoimentos. Através deste ponto de partida chegamos a um entrelaçamento significativo, onde algumas categorias tecem uma teia complexa de sentidos envolvendo a memória, a história, o tempo e o espaço. Essas duas últimas categorias são esteios das identidades e suportes do ser humano no mundo. Em outras palavras, é importante termos em mente que *se o espaço se transforma e as referências espaciais se perdem na dinâmica incessante do tempo, os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de sua história.*<sup>8</sup> Partindo dessa premissa, *as estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais.*<sup>9</sup>

Compreende-se, portanto, porque a história fica interrompida com a realocação de Itueta, na perspectiva do nosso informante e o quanto a memória contribui para a constituição de categorias espaciais.<sup>10</sup> Essa aproximação é um tanto quanto valorizada pela geografia humanista produzida por Lowenthal, posteriormente, retomada por Tuan.<sup>11</sup> Para esse último autor, nossas experiências e aspirações pessoais encarnam-se em lugares que devem ser compreendidos segundo o significado que lhe são conferidos, conforme expresso na narrativa escolhida.

Nesse sentido, a perspectiva de Norbert Elias pode ser reveladora para a compreensão não somente dos significados conferidos aos espaços, por onde circulavam os moradores de Itueta, como nos fornece instrumentos teóricos e metodológicos para considerarmos as múltiplas redes de interdependência que incessantemente se renovavam no cotidiano da cidade e que surgem na narrativa em análise.<sup>12</sup> Através desse movimento incessante de renovação das interdependências a um espaço que longe de ser estático e mera representação torna-se cenário móvel dessa interação. Assim, o conceito eliasiano de figuração, definido como redes formadas por seres humanos interdependentes, acompanhadas por mudanças assimétricas na balança de poder, enfatiza o caráter processual e dinâmico das redes criadas pelos indivíduos. Essa perspectiva nos fornece elementos que recoloca o cotidiano de tais redes num patamar privilegiado e, por conseguinte, a História Oral como um importante instrumento de acesso às mesmas.

As narrativas, coletadas em campo, histórias produzidas pelo senso comum, remarcaram e reordenaram um dado espaço, recortado e organizado conforme territorialidades estabelecidas e/ou (re) criadas. Neste sentido a sociologia figuracional elisiana se aproxima da sociologia compreensiva weberiana na busca da especificidade da realidade que nos rodeia *e na qual nós encontramos a conexão e a significação cultural de suas diversas manifestações em sua configuração atual, de um lado, e as razões que fizeram com que historicamente ela se desenvolvesse sob esta forma e não sob outra, de outro lado.*<sup>13</sup>

A ação social desenhada por Weber dá conta de uma modalidade específica de conduta à qual o próprio agente associa um sentido, objetivamente visado e que se manifesta em ações concretas, fundamentadas por um motivo. O vínculo motivacional do nosso informante fornece uma dimensão processual à ação social e não nos permite analisá-la como ato isolado mas com uma seqüência definida de elos significativos, formando o que o autor identifica como uma ‘cadeia motivacional’. Para além do conceito de ação social, Weber propõe um desdobramento no intuito de avançar para além do individual: o conceito de relação social. Este último conceito se refere à *conduta de múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações* que, no caso em questão, se refere à realocação da cidade.<sup>14</sup>

Em meio a esse movimento de partilha, a memória da narrativa nos remete à mesma questão proposta por Paul Ricoeur ao mostrar sua inquietação com o próprio campo de investigação: *importa ao historiador saber qual é seu contraponto, a memória dos protagonistas da ação tomados um a um, ou a das coletividades tomadas em conjunto?*<sup>15</sup> O desafio, portanto, será como bem coloca Ricoeur, se lançar ao problema de revelar as relações internas entre a memória coletiva e a memória individual. Neste sentido, o recorte metodológico pautado numa narrativa condutora se justifica uma vez que ecoa em suas entrelinhas inúmeros fragmentos coletados em outras narrativas de cunho mais pontual; muito embora esses mesmos fragmentos possam pontuar dissonâncias.

Neste ponto, ressalta-se a contribuição de Elias ao favorecer o rompimento com a dicotomia indivíduo/sociedade. Sua perspectiva relacional e interdisciplinar da sociedade prioriza a síntese em relação à análise. A figuração elisiana diz respeito a pessoas que estão continuamente em fluxo e vivenciam mudanças de ordens diversas, sejam rápidas ou lentas, superficiais ou profundas. Tais processos, como aquele

observado em Itueta, apresentam dinâmicas próprias nas quais as razões individuais não se reduzem a questões isoladas. Faz-se necessário compreender e interpretar as figurações a partir das redes formadas por indivíduos interdependentes, enfatizando seu caráter processual e dinâmico. Em outras palavras, não há como separar indivíduo e sociedade. O indivíduo, no caso, nosso informante, é gerado pelos seus antecessores e faz parte de um todo social, constituído como uma rede de funções, cujo contrato social resulta de uma ligação funcional preexistente que estrutura os acordos cumulativos, presentes em ações do seu cotidiano. Esse contrato estabelece as funções interdependentes dos sujeitos envoltas em relações de poder.<sup>16</sup>

São essas inúmeras vozes, oriundas dessas relações de interdependência, que darão dinâmica às territorialidades. Por isso, a noção de multiterritorialidade que trazemos para essa análise é a de Rogério Haesbaert.<sup>17</sup> Dentro dessa concepção geográfica, o território relacional encontra-se imerso num contexto sócio-histórico, permeado por relações de poder que aparecem representadas na narrativa que enfocamos. A territorialidade é compreendida como o controle de pessoas e/ou recursos e como uma estratégia espacial para atingir, influenciar ou controlar recursos e pessoas, podendo ser ativada ou desativada.<sup>18</sup> Neste espaço, devidamente apropriado e significado que se transforma em território, Itueta foi concebida, se desenvolveu num longo processo histórico e foi apagada fisicamente com a demolição de casas e ruas. Mas, podemos falar apenas de uma demolição física uma vez que a cidade continua a existir, enquanto território simbólico nos corações e mentes de seus moradores? No espaço, hoje vazio, se projeta a ‘velha’ Itueta cujo processo de desarticulação podemos indiciariamente tratar a partir da narrativa do nosso informante. A compreensão dessa desarticulação nos remete à figuração de várias redes, forjadas ao longo de um processo histórico dinâmico que emprestará significado a cada um dos atores que aparece na narrativa, mas também ao espaço que se transmuta concomitantemente.

## II

Dada a multidimensionalidade do processo de realocação de Itueta e às suas necessidades interdisciplinares, convidando várias áreas de conhecimento ao diálogo, é chegado o momento de compreendermos como as redes de poder se configuraram. Partiremos de um retrospecto histórico, retomando o processo de formação do vilarejo original, dos atores envolvidos e das diferentes formas de apropriação e significação do

espaço que passou a ganhar contornos de território. A narrativa desse processo seguirá os rastros documentais disponíveis que envolvem fontes oficiais e um relato memorialístico que poderão futuramente ser complementados. Nesse sentido, ressaltamos que o inventário de fontes e o uso das mesmas neste artigo tiveram um caráter exploratório e de um primeiro esforço de levantamento. Em outras palavras, não descartamos, a priori, nenhuma fonte encontrada sobre Itueta, mesmo levando-se em conta as intenções subliminares que as mesmas carregam. A idéia inicial que permeará esta segunda parte será a de compor um cenário contextual, da região onde se localiza Itueta.

Com base no direcionamento acima, buscou-se o primeiro registro sobre a região. O nome que apareceu foi o de Fernandes Tourinho, o primeiro a desbravar, em 1573, a região onde se encontra o município. A colonização efetiva, entretanto, foi retardada até o início do século XX, devido a obstáculos existentes, como a mata muito densa e a presença dos botocudos, que se opunham à entrada dos “homens brancos” na região.<sup>19</sup> Somente após a I Guerra Mundial é que se inicia o processo massivo de ocupação, com a vinda de colonos de origem alemã e italiana, que se fixaram nas proximidades do rio Doce.<sup>20</sup>

Em 1926 chega à região o coronel Osório Barbosa de Castro e Silva e seu sócio e amigo Senhor José Ferreira da Motta. Ambos adquirem 200 alqueires de terras onde formariam a Fazenda Barra dos Quatis. O coronel Osório, oriundo de Palma, Zona da Mata mineira, chegou com o intuito de cultivar café e criar gado. De acordo com o neto do coronel Osório e sobrinho do Antônio Barbosa, outra razão que atraiu o avô para a região foi a fartura de madeira de lei. De acordo com as palavras de seu filho, Antônio Barbosa Castro, logo fora acertada a vinda de operários que construiriam a sede da fazenda e outras casas para as mais de 25 famílias que viriam depois. Com a formação do povoado, chegou o farmacêutico, o contador, o comerciante, o barbeiro e muitos outros.

Na área de 200 alqueires de terras devolutas o Coronel Osório deu início, em 1929, à construção de um armazém, casa comercial, casas de moradia, farmácia, escola e igreja, seguindo um croqui feito pelo engenheiro Breno de Moraes Mesquita.<sup>21</sup> A Estação foi construída em 1927, no quilômetro 230 da Estrada de Ferro Vitória-Minas, depois de uma manobra política do coronel Osório que solicitou a construção através de uma carta enviada ao presidente Arthur Bernardes. Outras providências foram tomadas para a construção de rodovias vicinais, visando facilitar o escoamento da produção

local, dentre as quais a extração de madeira, que já se traduzia como a principal fonte de riqueza. Com tamanho desenvolvimento, Itueta passou a distrito de Resplendor em 1938. Em 1947, a Comissão Pró-emancipação de Itueta, presidida pelo Senhor Antônio Barbosa de Castro, envolveu outras 32 lideranças locais. Um ano depois foi concedida a emancipação do distrito, sendo o presidente da comissão o primeiro prefeito, eleito em 1949. O novo município contava com dois distritos: Itueta (distrito sede) e Quatituba.<sup>22</sup>

O povoado de Itueta, como já referido anteriormente, possuía além dos brasileiros, imigrantes alemães e italianos. Sobre os alemães, Castro comenta:

Os alemães estabeleceram-se na margem esquerda do rio Doce. Encontraram terras férteis, cobertas de matas virgens, quando não havia estradas, mas apenas picadas ou trilhas nas matas. Estavam sujeitos a doenças tropicais e tinham um trabalho árduo a enfrentar. Foram legítimos pioneiros no desenvolvimento da região. Deixaram exemplo de honradez, disciplina e capacidade de exercício de sua profissão de agricultor. Os seus descendentes honram os antepassados e estão integrados à comunidade ituetense.<sup>23</sup>

De acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi no séc. XX que chegou a maior parte dos imigrantes alemães ao Brasil. Ainda, segundo o Instituto, na década de 1920 desembarcaram 70 mil alemães no país, a maior parte deles eram operários, artífices, professores e refugiados políticos. Estes imigrantes não procuravam colônias rurais, mas os centros urbanos.<sup>24</sup> O caso de Itueta parece destoar dos dados acima, já que a maior parte dos imigrantes eram trabalhadores rurais e não urbanos. Dentre os fatores de expulsão da Europa pode-se admitir a turbulência social decorrente dos movimentos operários, as guerras internas, crises agrícolas de abastecimento e escassez de terra para plantios, entre outros.<sup>25</sup> Todos esses problemas motivaram a migração dentro da própria Alemanha vindo a ocorrer, primeiro, do campo para a cidade e, depois, da cidade para o Brasil. Os europeus, de um modo geral, vieram atraídos pela possibilidade de possuírem novamente um pedaço de terra, já que aqui, no Brasil, a terra era abundante e havia muita oportunidade de trabalho, o que não encontraram nas cidades européias.

O movimento migratório ocorrido em Itueta se encaixa num movimento mais amplo que abrange tanto o contexto regional quanto o nacional. Minas Gerais, devido a sua posição geográfica foi o último destino dos imigrantes no início do século XX. A escolha do agricultor mineiro pelos migrantes italianos passou a se dar em função de

uma aparente facilidade de adaptação aos costumes do país e de sua acomodação ao sistema de meação ou parceria e espírito de colonizador. Esse conjunto de relações fez dos migrantes italianos e seus descendentes - agentes de forte influência social, econômica, cultural e política -, principalmente, na parte sul do território de Itueta, pois grande parte deles voltou-se para o comércio e posteriormente para o serviço público.<sup>26</sup>

De acordo com os relatos orais e Castro, os alemães se estabeleceram na parte norte do território de Itueta e os italianos na parte sul, formando dois núcleos populacionais distintos e separados geograficamente um do outro. Para se chegar à Vila Neitzel (alemães e pomeranos), partindo da antiga sede de Itueta, devia-se atravessar o rio e percorrer 20Km. A vila dos italianos, Quatituba, estava a aproximadamente 11km desse ponto de partida. Portanto, os núcleos se formaram a uma distância de mais de 30km. O encontro mais frequente entre os imigrantes se deu, inicialmente, após a construção da Estação de Itueta, quando os alemães/pomeranos e italianos se dirigiam até a sede para fazer o escoamento de seus produtos através da via férrea. Até a construção da estação, o local, que posteriormente se transformou na sede do município, era povoado pela família do coronel Osório e famílias oriundas da Zona da Mata mineira, que vieram com o fazendeiro.<sup>27</sup>

Os relatos orais mais pontuais demonstram como estes italianos recém-chegados se territorializaram nesta região apesar de todas as dificuldades vivenciadas em diversos momentos de suas vidas. Segundo os mais velhos, os pais e os avós sempre contavam como foi difícil a chegada e instalação nesse local onde era tudo mata – a floresta cobria as localidades. Eles enfrentaram animais selvagens, não havia água encanada e nem povoamento. Os alimentos que consumiam e tratavam os animais eram produzidos por eles. Alguns chegaram à região e compraram pequenas propriedades, outros trabalharam como meeiros em terras de familiares ou vizinhos e mais tarde adquiriram o seu próprio pedaço de terra. Todo crescimento observado atualmente, segundo os depoimentos, foi adquirido com os esforços de cada família que desbravaram e povoaram os locais com numerosos filhos.<sup>28</sup>

As autoras Nicoli e Siqueira registram que aos poucos e com toda família nas lavouras, os descendentes de italianos começaram a adquirir mais terras e gados para melhorar a renda familiar. Neste ponto, destacam que a produção era familiar e todos os homens, mulheres e crianças a partir dos seis anos de idade trabalhavam arduamente na terra, transformando-se em importantes produtores de café e de gado para corte e produção de leite e queijo na Microrregião de Aimorés, até os dias atuais. É fato,

também, que durante este processo de ocupação do espaço e de sua transformação em território, os migrantes italianos em Itueta expressaram sua fé e devoção através da construção de diversas capelas em homenagem aos santos (as) da igreja católica. Aos domingos, as famílias se reuniam para rezarem o terço e a ladainha a Nossa Senhora. As mulheres eram responsáveis pelos momentos de dedicação a oração. As festividades destinadas a cada padroeiro (a) eram comemoradas por todos – as famílias italianas e descendentes não trabalhavam, era um momento de encontro e de muita alegria, o que está expresso também na narrativa do nosso informante. Atualmente, estas capelas se transformaram em grandes e bonitas igrejas nas diversas localidades da Microrregião de Aimorés.<sup>29</sup>

Com os moradores não descendentes, os italianos mantiveram uma relação de respeito e amizade. Porém, os casamentos ocorreram predominantemente entre famílias de descendência italiana. Até a terceira geração, poucos são os que se casaram com não descendentes e quando isso acontecia era motivo de discriminação. Segundo os relatos, casar com mesma descendência é melhor, pois os costumes, valores e virtudes são os mesmos. Atualmente é possível perceber que a quarta geração não tem tanta restrição ao casamento com outra descendência, mas ainda faz referência aos não descendentes como sendo brasileiros. Como as festividades religiosas, os casamentos entre os descendentes italianos também eram comemorados com muita festa, comidas típicas, cantos e danças italianas até o raiar do dia.<sup>30</sup> Ao que parece, retomando nosso informante de referência, essas ocasiões de abertura do grupo reafirmavam as redes de sociabilidade entre os outros dois grupos: os alemães/pomeranos e os da sede do município.

Em síntese, o município do Itueta formou-se a partir de três núcleos comunitários: o núcleo dos primeiros moradores formado por brasileiros oriundos principalmente da Zona da Mata mineira, capitaneado pelo Coronel Osório; um segundo núcleo, formado pelos imigrantes e descendentes de alemães e pomeranos que se concentraram na margem esquerda do rio e, um terceiro núcleo, formado pelos imigrantes e descendentes de italianos.

A diferença de nacionalidade e a característica multicultural dessa formação não impediram que se estabelecesse um traço comum: os núcleos apresentavam um formato de comunidade, ressaltado nas narrativas obtidas em campo. Em outras palavras, o processo histórico exposto acima nos fornece elementos para indicar que esses núcleos foram formados a partir da reunião de algumas famílias em torno de atividades de

extração e da agricultura e de uma liderança, configurando um traço de tipo tradicionalista nas relações sociais.<sup>31</sup> Entretanto, o processo de integração não parece ter sido tão fácil. Foi somente a partir da década de 1950 que os núcleos iniciaram uma aproximação mais efetiva: os alemães e pomeranos aceitaram matricular os filhos nas escolas do município, rompendo o isolamento anterior e abrindo a possibilidade de se integrarem às oportunidades que o desenvolvimento local oferecia.<sup>32</sup> Por outro lado, as festas italianas e mesmo as alemãs e pomeranas, permitiam o contato entre os grupos, muito embora os italianos mantivessem os matrimônios restritos ao núcleo de origem. Educação e festa tiveram um papel importante na tessitura de uma rede social gradativamente mais coesa, independentemente das diferenças de nacionalidade e cultura e trazia ao cotidiano de todos os moradores a sensação de proximidade e, portanto, de interesses e anseios comuns.

De qualquer forma, o espaço, a distância e a proximidade que modulavam o território ituetense implicava nesta rede formada e configurada a partir dos núcleos e dos contatos, estabelecidos num longo processo histórico. As narrativas transparecem que as redes emprestavam sentido ao território ao mesmo tempo em que o transformavam. Essas referências espaciais, que pontuavam as redes, configuravam o território e permitiam uma identidade a cada comunidade até ao ponto de todos considerarem uma identidade comum: a ituetense, apesar das especificidades religiosas, culturais e até da aparência física.

Em meio a essas redes sociais trançava-se outra rede, a de poder. Essa configuração parte do momento fundante de Itueta, perpassa o seu momento auge de desenvolvimento e permanece mesmo após a década de 1960 quando se inicia um período de decadência das atividades econômicas centrais da localidade, especialmente, a extração da madeira, revelada por alguns moradores. Em todo o processo, percebem-se fortes traços de uma sociedade comunal, de base familiar, onde cada um tem seu lugar social. Neste cenário, podemos compreender na narrativa do nosso informante os personagens que se sobressaem: a comunidade com seus núcleos, a Igreja (o padre), a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores e, finalmente, o Consórcio.

### III

A população de Itueta, descrita tanto pelo memorialista Antônio Barbosa Castro como também pelo informante, é considerada, por ambos, uma comunidade e apresenta

uma figuração histórica de tipo tradicional, com fortes vínculos familiares e redes de parentesco e compadrio. Tais elementos encontram-se presentes na formação histórica do território ituetense e aparecem expressos no próprio espaço, transformado em um território permeado por relações sociais que conferem sentido a cada rua, praça, escola, igreja e qualquer outro lugar da cidade. As inúmeras redes de parentesco e amizade perfazem uma ampla rede social, permeadas por relações de poder que abraçam aqueles que lá chegaram primeiro e tiveram um papel de destaque; e, aqueles que foram chegando à medida que o desenvolvimento abria fronteiras e alargava os horizontes da cidade. Além disso, o convívio freqüente e os laços estreitos entre os grupos, alguns deles delineando famílias extensas, tornavam possível certo equilíbrio de poder uma vez que, dentro de determinados círculos, todos se conheciam.<sup>33</sup> Por outro lado, a proximidade e o equilíbrio geravam uma apropriação do grupo diante dos desafios, perigos e alegrias. Assim, as decisões e reivindicações não cabiam a indivíduos isolados, mas à comunidade; da mesma forma, as festas sempre tinham uma comissão com grande número de pessoas que organizava os eventos articulando a participação dos demais.

Nesta mesma linha de raciocínio podemos levantar algumas hipóteses sobre os poderes formalmente estabelecidos através dos representantes diretos do poder municipal: no caso do executivo, o prefeito e o vice-prefeito; no caso do legislativo, os vereadores. Numa comunidade a idéia de democracia que garante, a partir do voto, a representação da maioria pode não ter o mesmo apelo já que numa teia comunitária vale mais a palavra empenhada e a lealdade para com o grupo, uma vez que permanece a percepção de que o líder político seria um fiel representante do grupo, garantindo a este o direito de participação direta nas decisões.<sup>34</sup> Assim, é possível sugerir que a narrativa do informante sobre as autoridades deve ser compreendida a partir da perspectiva da participação comunitária que permeou várias ações e atividades ocorridas na cidade anteriormente, em especial, nas comissões festivas.

A liderança religiosa de Itueteta, o padre citado na narrativa do nosso informante, nos permite aventar uma intensificação dessa figuração comunitária já que é na Igreja que várias pessoas dedicam boa parte das atividades do dia. Neste espaço religioso, os territórios do mundo material e espiritual se recortam e, ao mesmo tempo, as territorialidades encontram terreno propício para comungarem interesses comuns. Os grupos se reestruturam num território sagrado onde todos possuem responsabilidades e se colocam frente a uma liderança quase inquestionável, a do padre responsável pela

paróquia. A postura desse líder e sua decisão isolada, de acordo com o relato, causaram estranheza a todos os fiéis que também se sentiam responsáveis pela igreja.

Resta-nos levantar algumas questões referentes ao consórcio, o elemento externo causador do desconforto que permeou o processo da realocação da cidade. É evidente que sua figuração histórica difere daquela exposta sobre a formação territorial da cidade e o empoderamento deste ator origina-se num formato de sociedade moderna que, longe de se preocupar com as relações cotidianas se baseia numa perspectiva societal e numa visão de Estado.<sup>35</sup> Na perspectiva do consórcio, Itueta passa a ser vista e compreendida a partir de sensores, mapas, tabelas, gráficos que, inclusive parecem transformar tudo e todos em números, porcentagens e cifras imersas num planejamento que deve seguir cronogramas específicos, ditados por um ritmo de tempo afeito à modernidade. O posicionamento assumido pelo Consórcio aparece marcado na narrativa do nosso informante quase de forma fatalista. *Não é Itueta que vai impedir a construção de uma hidrelétrica*. Estabeleceu-se, portanto, uma relação assimétrica de poder entre a comunidade e o Consórcio.

Para entendermos essa condição da comunidade diante das redes de poderes que nelas se instalam com a chegada do consórcio, podemos perceber que: *No âmbito político o pertencimento gera o sentido de domínio sobre um lugar, sentido que estimula o aparecimento de formas de autoridade e tributação sobre o espaço, configurando a real perspectiva*.<sup>36</sup> Esses atores externos confrontam suas visões com as dos residentes *que devem lutar pela hegemonia de um modo particular de exercer legitimamente o domínio ou estabelecê-lo com as pautas de dominação intervenientes que lhes são alheias*.<sup>37</sup>

Nos termos do que ocorreu em Itueta, estamos diante de dois sentidos de domínio: aquele oriundo da comunidade que configurou o real a partir de um processo histórico específico e, de outro lado, o consórcio que busca um exercício legítimo cuja pauta vincula-se a interesses de grupos externos a esse território, levando-os a desconsiderar o domínio dos moradores. Executam, portanto, o planejamento da realocação, alheios ao drama da perda da identidade local, preocupando-se apenas com a transferência da cidade e a construção das casas. Para os impactos emocionais, disponibilizaram psicólogos. Neste cenário, a propriedade como elemento que fundamenta o território *é deslocada pela noção de soberania que é ação de domínio sobre o espaço de pertencimento, real ou imaginado. Sem as amarras da propriedade, o territorial surge com mais nitidez enquanto espaço de relações políticas entre as*

*distintas representações que legitimam as ações de domínio sobre ele.* <sup>38</sup> Em outras palavras, *a jurisdição tem fronteiras difusas que não são físicas, isto é, são desterritorializadas, política e socialmente falando, razão pela qual o sentido de domínio translada com os atores que deixam as suas marcas nas localidades.* <sup>39</sup>

Dessa maneira, o processo iniciado pela construção da hidrelétrica põe em xeque a noção de propriedade dos moradores sobre a própria cidade. Em meio a esse processo, o Consórcio se torna soberano e exclui a possibilidade de estabelecer suas relações de poder com a comunidade, elegendo para tanto as distintas representações do poder local, especialmente ‘as autoridades’ que, na fala do nosso informante, são fundamentalmente o prefeito e o padre, considerados como um escudo capaz de resguardar os interesses de todos. Por outro lado, não resta a esses representantes qualquer alternativa senão a responsabilidade da negociação sob pena de sofrer os efeitos da soberania absoluta do consórcio sobre todo o processo. Não cabe, portanto, levantar culpados, mas compreender o tabuleiro das relações de poder cujo centro irradiador passa a ser, em função da soberania exercida, o próprio Consórcio.

O desenrolar dos fatos nos levam a refletir sobre o espaço geográfico numa perspectiva mais ampla, como um espaço relacional, definido pelas relações sociais. Nele, os espaços dos fluxos – ou as redes – e o espaço dos lugares não podem ser dissociados, porque o espaço social não existe sem os fluxos e as redes. <sup>40</sup> Essa percepção ganha tons dramáticos no caso de Itueta. A nova cidade se torna fantasmagórica sem as redes e fluxos que lhe davam vida e dinâmica. Assim, espaço geográfico e espaço social criam uma espécie de amálgama que os tornam indissociáveis. Conforme expressa nosso informante:

Os novos se adaptam com facilidade num lugar diferente. Mas, pra nós... já éramos moradores radicados aqui há tantos anos, tanto faz sair daqui pra uma nova Itueta ou ir pra outro lugar qualquer. Prá nós era a mesma coisa. Prá nós não íamos nunca esquecer nossas raízes porque desde criança nós sabemos da história toda com detalhes. Inclusive, escrevi... porque lá a gente ficou, meio no início, com muita tristeza porque a única coisa que fazia a gente pensar que estava em Itueta era a presença da população e as mesmas caras. Mas ruas, casas... não tinha nada a ver com a nossa Itueta, principalmente a Igreja que causou uma grande revolta na população.

Suas palavras revelam a força do cotidiano das pessoas ao citar que mesmo diante da devastação que fora feita pelo Consórcio, os moradores conseguem identificar

ruas e casas em função das árvores localizadas nos quintais da antiga cidade. Assim, é possível identificar a casa de um vizinho, parente ou a própria casa observando as árvores. Daí vem a solicitação da comunidade, expressa nas palavras do nosso informante, do quanto seria significativo a retomada do traçado urbano, permitindo aos moradores mais antigos o acesso a uma história interrompida pela mudança drástica, ocorrida neste território. A reivindicação é pelo direito de se lembrar do próprio passado que só se torna viável a partir do contato dos homens com o seu entorno que demarca e identifica seu território. Essa interação temporo-espacial nos revela que:

Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores. Nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças.<sup>41</sup>

Sem os vínculos entre espaço, redes e fluxos as lembranças e a identidade se esvaem e o imenso vazio se transforma na tristeza que levou o nosso informante a escrever e procurar nos rostos das pessoas, pistas do seu lugar de origem e, porque não dizer, um pouco de si mesmo. A dor gerou a raiva e a revolta na comunidade que viu suas redes sociais serem dilaceradas por um novo arranjo espacial que deu origem a uma cidade desencarnada de sua vida comunitária e festiva.

A cidade invisível, recheada de sentidos e permeada por relações sociais talvez tenha sido demolida antes da cidade visível. Em outras narrativas e no Relatório do Observatório Sócio-Ambiental de Barragens, produzido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fica claro que alguns laços da comunidade começaram a ruir quando da negociação rápida entre o Consórcio e o grupo de moradores localizados na parte mais baixa da cidade.<sup>42</sup> Eles foram os primeiros a enxergarem na negociação a possibilidade de ter uma moradia melhor, levando-os a aceitarem rapidamente a proposta feita pelo Consórcio. Sem a força do conjunto, os interesses particulares minaram a percepção comunitária que identificava a todos. Da mesma forma, transformou muito rapidamente

as relações expressas no espaço. De uma hora para outra, bastava acertar o acordo e as máquinas rapidamente demoliam as casas, apagando as conexões das redes sociais, reconfigurando proximidades e distâncias.

O segundo ponto de desestruturação foram os acertos entre o poder público e o Consórcio. Exercendo a soberania sobre o território, as negociações passaram a ser feitas com os representantes da comunidade, conforme já indicamos anteriormente. Em acordo com a comunidade foi acertado um plano diretor que indicaria a forma como os moradores seriam transferidos para a ‘nova’ Itueta. Acordos secretos, às portas fechadas, aparecem em várias narrativas que apontam esse fato como um fator crucial para a transferência traumática. A narrativa do nosso informante nos permite acompanhar o desejo da comunidade em ter uma cidade com os mesmos traçados que, provavelmente, permitiria manter alguns sentidos e significados atrelados a determinados espaços. Segundo nosso informante:

Lá havia possibilidade de fazer a cidade com o mesmo traçado. Esse era um sonho dos antigos, mas infelizmente foi totalmente atropelado. O Plano Diretor da cidade que nós queríamos não foi ouvido. A Câmara de Vereadores na época não aceitou a opinião da população. Nós fizemos movimentos, diversos movimentos aqui, fomos a reuniões do Plano Diretor da nova cidade, fizemos pedidos a vereador e ainda nos pressionaram pra gente sair daqui da noite pro dia. E isso também não era o acordo feito. O acordo era que depois que todo mundo tivesse lá, então começaria a destruição. Não houve... simplesmente entraram num acordo às portas fechadas, de tal maneira que a Prefeitura fechou as portas aqui de tarde, noutro dia abriu na nova cidade. Mudaram de noite, ai... então a população que ficou aqui, ficou sem aquela uma coisa de defesa. Quem podia nos dar um apoio grande pra ficar aqui e ir pra lá só depois que tivesse 100% organizado de acordo com aquilo que tinha feito nos termos do compromisso, né? Porque foi feito um termo de compromisso só que eles alteraram tudo aquilo que tava no termo e as autoridades foram aceitando. De repente saiu a cidade sem estrutura boa. Agente costuma dizer que foi ‘PP’ que atrapalhou: o padre e o prefeito. Saiu o nosso escudo.... acabou!

A narrativa deixa transparecer que faltou uma percepção clara que as autoridades também representavam a comunidade e o que acaba em destaque é a sensação de que faltou a participação popular nas decisões. O fato de não se sentirem representados rompeu os laços de fidelidade e de representação tão comuns nos vários momentos vivenciados pela comunidade. A mudança da Prefeitura, Câmara de Vereadores e da Igreja deixou a comunidade exposta e pulverizou significativas redes sociais existentes desde longa data. Diante de um cenário desolador, cada um passa a pensar

individualmente, enfraquecendo ainda mais a noção de comunidade que figurava entre eles. Com as demolições frequentes e as mudanças repentinas dos vizinhos, amigos e parentes, todos deixam de vivenciar uma experiência de sociedade comunal e rapidamente entram num cenário configurado a partir de uma visão de Estado, palmilhado de traços societários. Traçada num papel (mapa), a ‘nova’ Itueta passou a ser uma sociedade e não mais uma comunidade. Romperam-se os laços com a antiga vizinhança já que na lógica da nova cidade as casas se organizaram, prioritariamente, de acordo com o valor material e não social. Para cada número de contrato, a construtora construía uma moradia que, uma vez ocupada, estava longe de se tornar o lar perdido em Itueta.<sup>43</sup>

Na narrativa de outro informante ele comenta que o Consórcio dizia ao prefeito e aos vereadores que a Associação de Moradores estava mandando mais que eles e que fora, por esta razão que os acordos passaram a desconsiderar a opinião popular. É evidente que o argumento do Consórcio levou a um grande desequilíbrio de poder, rompendo os laços de fidelidade e confiabilidade existente entre os moradores e o poder público. Da mesma forma, há que se considerar o posicionamento do padre responsável pela paróquia de Itueta que, após longas discussões com nosso primeiro informante, tomou a decisão de transferir sozinho a Igreja, sem compartilhar com a comunidade esta grande responsabilidade.

O mesmo estranhamento se percebe quando o nosso informante fala da Igreja. O drama ganha dimensões angustiantes quando ele relata que os próprios evangélicos pediram para manter a igreja de pé. Mas, antes mesmos que os diferentes grupos estreitassem os laços, a Igreja foi demolida, causando comoção a todos os moradores. Segundo relatos, alguns moradores chegaram a passar mal e, posteriormente, entraram em depressão já que suas vidas eram organizadas em função das atividades da Igreja. O desconforto foi grande, mas havia a promessa de construir uma Igreja no formato de *meio queijo que não foi cumprida... construíram só um quarto de queijo*, nos disse outro informante. A Igreja no formato moderno não agradou aos moradores que, atualmente, se empenham na construção de uma réplica da igreja antiga.

### **Considerações finais**

Para nossas considerações finais nada melhor que as próprias considerações do nosso informante: *Infelizmente nós estávamos sendo expulsos daqui. Ninguém queria*

*sair daqui*. Contudo, eles foram retirados sob pressão. Não só as pessoas sofreram o ambiente também. Com o desaparecimento dos peixes a atividade da pesca comercial foi praticamente extinta e com a inundação das ilhas, teve fim a agricultura familiar e ainda temos por registrar a invasão dos mosquitos, que se proliferam nas lagoas que se formam em várias áreas de onde o Rio Doce foi desviado. Por último, Itueta era conhecida pelos doces produzidos a partir de técnicas artesanais que, através da venda na estação da cidade, se consolidou como uma importante fonte de renda para inúmeras famílias; contudo, com o desvio dos trilhos da Vale, o trem não passa na nova cidade. A destruição da antiga estação e a falta de uma parada na ‘nova’ Itueta pôs fim a uma prática artesanal de longa data e desarticulou economicamente as famílias envolvidas nesta atividade. A proposta de uma cooperativa para as doceiras que, na visão do consórcio, poderia resolver a falta de espaço nas cozinhas das casas construídas não deu certo porque, segundo uma doceira, há muita rivalidade entre elas e seria quase impossível mantê-las trabalhando em conjunto, harmoniosamente.

Sobre todos esses fatos o Ministério Público foi devidamente esclarecido, tem participado sobre os termos não cumpridos e foi informado de que houve permissão para o enchimento do lago antes mesmo de as famílias terem sido indenizadas. Também foram vários os moradores que disseram que o Poder Judiciário tem sido sistematicamente procurado para que obrigue as empresas a reparar os danos.

O conjunto das histórias narradas, em especial a narrativa analisada, projeta um encouraçado de Poder tão forte, corporificado numa estrutura chamada “CONSÓRCIO” que, na perspectiva dos moradores, amedronta, coage, invade e desterritorializa. Por detrás deste poder comum *se esconde (...) o Poder, nome próprio. Esconde-se tanto melhor quanto maior for a sua presença em todos os lugares. Presente em cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até o coração do homem(...)*.<sup>44</sup>

De fato as fissuras são muitas, não só nas casas, construídas sem a estrutura necessária, mas também nas relações de amigos, vizinhos e parentes que se afastaram com a nova ordem espacial da ‘nova’ Itueta. Há também fissuras profundas nos corações e mentes, tristeza e dor expressas em tentativas recorrentes de recriar a todo custo qualquer referências em meio a um território transformado brutalmente em espaço completamente vazio das antigas marcas. Sem marcos históricos e pontos que no espaço possam ancorar suas lembranças e experiências de vida os ituetenses buscam angustiados uma maneira de extravasar sua tristeza e falta de perspectiva. Na memória

restaram apenas as marcações das árvores e o resultado do processo que desconsiderou os sentidos humanos de um território: Itueta. Nesse sentido, não há como desconsiderar que

A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. As pessoas, convém ressaltar, continuam com os pés fincados no chão de suas experiências da infância ou de tempos atrás, mesmo após longos anos de afastamento. Tal como em relação ao primeiro amor, que não se esquece, o lugar de nascimento ou de situações pretéritas continua a ser lealmente cultuado. Conseqüentemente, as experiências nos cenários eternizados na memória são tesouros guardados com muita ternura. Contudo, o mundo familiar de outrora nem sempre confere quando cotejado em outra época. (...) Longínquo no tempo e, ao mesmo tempo, próximo/interiorizado, o lugar do passado, altamente significativo para o indivíduo ou para os outros grupos sociais, pode ser desprovido de notoriedade para os outros, entretanto, para a pessoa atada por laços topofílicos ao passado, persiste como símbolo de identificação imorredoura.<sup>45</sup>

Diante dessa realidade, pode-se responder de maneira afirmativa que as narrativas que ouvimos são capazes apenas de nos aproximar da experiência sofrida pela realocação de Itueta. Embora seja possível uma compreensão parcial, reconhecemos estarmos muito longe de um compartilhamento. Presente eternamente na memória, Itueta permanecerá como um ‘tesouro guardado com muita ternura’ por todos os ituetenses. Sem redes, fluxos e dinamicidade de outrora a realocação também reordenou as relações de poder em novos matizes diante da total desarticulação das antigas redes comunais, tão comuns na antiga cidade. Retomando a epígrafe, no início deste artigo, por vocação, os moradores reconhecem a necessidade de se vincularem e de se localizarem, mas ainda se encontram perdidos e imersos num espaço que pode apenas ser constatado. O contraste se torna óbvio se compararmos com as experiências e vivências na ‘velha’ Itueta, um mundo antes acessado, mediado e revestido de sensações, sentimentos, lembranças, aprendizagens, conhecimentos, ritos e principalmente de fantasias que, agora, só existem na lembrança de cada um. Na imensidão da ‘nova’ Itueta o desafio será estabelecer novos tempos e novos lugares numa fronteira que evoca o cotidiano, novos e velhos poderes e a eterna necessidade de se contar e recontar como tudo aconteceu...

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território/Univale; Pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território/Univale; Coordenadora do curso de História/Univale e Doutora em História (UFF).

<sup>2</sup> Mestrando em Gestão Integrada do Território/Univale; Docente no Instituto Ensinar Brasil/Faculdade de Direito (Faculdades Integradas de Caratinga – FIC).

<sup>3</sup> Mestrando em Gestão Integrada do Território/Univale (Bolsista FAPEMIG); Docente na Universidade Presidente Antônio Carlos - Unidade Governador Valadares.

<sup>4</sup> A pesquisa de campo foi realizada em 11 de junho de 2011 e agregou alunos do Mestrado em Gestão Integrada do Território, acompanhados por dois professores. A visita fora agendada previamente com moradores de Itueta. Os moradores permitiram a gravação das entrevistas que, posteriormente, foram transcritas na íntegra.

<sup>5</sup> ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2000. SACK, R. D. *Human territoriality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. HAESBAERT, R. *O Mito da Desterritorialização*. Do 'Fim dos Territórios' à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. (Volume I). 17ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2011. WEBER, M. *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1944. CLAVAL, P. *A Geografia Cultural*. 3 ed.; Florianópolis, 2007.

<sup>6</sup> O roteiro da visita de campo previa uma visita à 'antiga' Itueta (entrevista com 03 moradores), um passeio de balsa atravessando o Rio Doce (contato com moradores da Vila Neitzel), visita ao distrito de Quatituba (roda de memória com 6 moradores cujas famílias participaram do núcleo original de colonos), retorno à 'nova' Itueta (rodas de memórias – 4 homens e 4 mulheres em separado – para coleta de perspectivas diferentes do processo de realocação da cidade). Em função do mal tempo não foi possível apenas o contato com os moradores da Vila Neitzel, as demais atividades foram cumpridas a contento.

<sup>7</sup> RAPPORT, N.; OVERING, J. *Social and Cultural Anthropology: Key Concepts*. London: Routledge, 2000, pp. 283-290. LABOV, W. *Uncovering event structure*, in Georgetown Round Table. Georgetown: Georgetown University Press, 2001.

<sup>8</sup> DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidade. *História Oral*, 6, 2003. p. 14.

<sup>9</sup> CERTEAU, M. Op. cit., p. 182.

<sup>10</sup> HOLZER, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um Novo Mundo. *GEOgraphia* – Ano II – N. 3, 2000. p. 111.

<sup>11</sup> LOWENTHAL, D. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. *Annals of the Association of American Geographers*. 51 (3), 1961. TUAN, Y. F. *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

<sup>12</sup> ELIAS, Norbert e SCOTSON, Jonh. Op. cit.

<sup>13</sup> COLLIOT-THÉLÈNE, C. *Max Weber e a História*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 26.

<sup>14</sup> COHN, G. (org). *Max Weber*. São Paulo : Ática, 1991. p. 26 a 30.

<sup>15</sup> RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 105.

<sup>16</sup> ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução, Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.

<sup>17</sup> HAESBAERT, R. Op. Cit.

<sup>18</sup> SACK, R. D. Op. Cit.

<sup>19</sup> STEAINS, William J. O Valle do Rio Doce. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, tomo IV, 3o. boletim, p. 213-226.

<sup>20</sup> PARENTE, L. *Itueta: documentos de ações e proposta (2006-2026)*. Disponível em:

[http://www.redevidas.org.br/uploads/publicacao/Doc.V.Estrat%C3%A9gica\\_Itueta.pdf](http://www.redevidas.org.br/uploads/publicacao/Doc.V.Estrat%C3%A9gica_Itueta.pdf). Acessado em: 13 fev 2012.

<sup>21</sup> CASTRO, A. B. *Itueta: retrato de uma época*. Belo Horizonte: Jard Produções gráficas, 2001. p. 19 a 24.

<sup>22</sup> Idem. Ibidem. p. 27 a 32.

<sup>23</sup> Idem. Ibidem. p. 37.

<sup>24</sup> IBGE. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=313410#>. Acessado em 13 dez. 2011.

<sup>25</sup> KLEIN, H. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, B. (org). *Fazer a América*. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

- 
- <sup>26</sup> NICOLI, S. ; SIQUEIRA, S. Território de imigração italiana e emigração de seus descendentes.. In: *III Congresso Internacional - Territórios, poderes, identidades*, 2011, Vitória - Espírito Santo. v. 01. p. 1-12.
- <sup>27</sup> CASTRO, A. B. Op. Cit.
- <sup>28</sup> NICOLI, S. ; SIQUEIRA, S. Op. Cit.
- <sup>29</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>30</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>31</sup> WEBER, M. Op. Cit., p. 180-192.
- <sup>32</sup> CASTRO, A. B. Op. Cit., p. 32.
- <sup>33</sup> ELIAS, N.; SCOTSON, J. Op. cit.
- <sup>34</sup> TÖNNIES, F. *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires: Ed. Losada, 1947.
- <sup>35</sup> Idem. Ibidem. Ver também SCOTT, J. *Seeing Like a State: How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. New Haven: Yale University Press, 1998.
- <sup>36</sup> HAESBAERT, R. Da desterritorialização à Multiterritorialidade. In: *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 mar. 2005*, Universidade de São Paulo. p. 6774.
- <sup>37</sup> Idem. Ibidem.
- <sup>38</sup> ZAMBRANO, C. V. Território Plurales. Cambios Sociopolítico y Gobernabilidad Cultural. In: *Boletim Goiano de Geografia*. 21 (1), p. 09 – 19 jun/jul 2001. p. 17.
- <sup>39</sup> Idem. Ibidem..
- <sup>40</sup> HAESBAERT, R. *O Mito da Desterritorialização*. Op. Cit.
- <sup>41</sup> HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. P. 143.
- <sup>42</sup> Observatório Sócio-Ambiental da Baragens - ETTERN/IPPUR/UFRJ Av. Pedro Calmon, 550- Prédio da Reitoria, sala 533 Cidade Universitária- Rio de Janeiro- RJ Telefone/Fax: 55 21 2598 1915 - Sistema SGP 2012. Dados coletados no site <http://www.observabarragem.ippur.ufrj.br/barragens/4/aimores-eliezer-batista>, em 16/01/2011.
- <sup>43</sup> TÖNNIES, F. Op. Cit.
- <sup>44</sup> RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 52
- <sup>45</sup> ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 94. Ver também TUAN, Y. F. Op. Cit.